

**Ricardo Rojas e a construção biográfica de um herói nacional:  
San Martín, *el santo de la espada***

Fabio Muruci dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta uma análise da biografia de José de San Martín, *el santo de la espada*, escrita pelo historiador argentino Ricardo Rojas. Esta obra desenvolve diversas comparações entre as trajetórias de San Martín e George Washington. Ambos foram, anteriormente, apresentados em diversas biografias como modelos de líderes republicanos motivados pela dedicação cívica, desinteresse do poder ou glória e hábitos modestos, perfis muito diferentes dos heróis clássicos europeus. No livro, San Martín é constantemente contraposto a Simón Bolívar, o qual seria um exemplo de conquistador ambicioso e autoritário. Essas imagens contribuíram para a formação de mitologias políticas específicas para cada país. Neste artigo procuramos discutir a construção desses personagens e sua importância para a revisão da história da América proposta por Ricardo Rojas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ricardo Rojas, José de San Martín, historiografia argentina, biografia, mitologia política.

**ABSTRACT:** This article presents an analysis of José de San Martín's biography *El santo de la espada*, written by Argentinean historian Ricardo Rojas. That work develops some comparisons between San Martín's and George Washington's trajectories. Both of them were represented in earlier biographies as models of republican leaders characterized by civic dedication, lack of desire for power or glory and modest habits, features sharply different from classic European heroes. In the book San Martín is constantly differentiated from Simón Bolívar who is pictured as an exemplar of ambitious and authoritarian conqueror. Those images contributed to form specific political mythologies in each country. In this article we intend to discuss those characters' construction and their importance to the revision of American history proposed by Ricardo Rojas.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFRJ. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisa atual: "História, biografia e nação: Argentina e Uruguai, 1900-1945". E-mail: fmuruci@yahoo.com.br.

**KEYWORDS:** Ricardo Rojas, José de San Martín, Argentine historiography, biography, political mythology.

Nas primeiras décadas do século XX, José de San Martín foi progressivamente reconhecido como a figura maior da luta de independência argentina. Parte desse processo de canonização política foi feita por programas governamentais. Nos anos 1930, a criação do Instituto Sanmartiniano de estudos históricos, por exemplo, foi um dos movimentos iniciais de um crescente processo de intervenção do Estado argentino na produção historiográfica no país, tendo como um dos resultados o estímulo para a valorização histórica definitiva de San Martín como grande líder militar e guia da nação na luta de independência (CATTARUZZA, 2007). Essa visão foi reforçada, nas décadas seguintes, pelas manifestações públicas de Juan Domingo Perón, que costumava identificar a si mesmo como o Libertador, colocando-se na condição de militar possuidor de ideais nacionais elevados e desinteressados. Novas versões desse processo de consagração foram produzidas nos anos 1960, quando a ditadura militar instaurada pelo golpe de 1966 apoiou e financiou uma produção cinematográfica com notável sucesso de público, apresentando uma visão higienizada e aproblemática de San Martín como líder convicto, despido de ambiguidades e fraquezas e portador de uma linguagem de impecável moralidade (TAL, 2004). A militarização da figura de San Martín completava uma trajetória marcada pela difusão de estátuas equestres por todo o país.

Essa unanimidade, porém, estava longe de existir no século XIX, quando o valor do legado de San Martín foi objeto de amargos desacordos políticos. Durante esse período, sua história foi tema de diversos escritos biográficos e históricos, destacando-se a *Historia de San Martín y de la Emancipación Sudamericana*, de Bartolomeu Mitre (1887-1888). Os julgamentos sobre sua atuação nas lutas de independência oscilaram intensamente, como acontecia com a memória de Simón Bolívar, embora talvez com menos passionalidade. O debate se desenvolveu em dois eixos de análise. Aquele que suscitou discordâncias mais acirradas tinha relação com episódios específicos da biografia do Libertador argentino, como suas relações com o governo de Buenos Aires e a polêmica retirada do Peru após uma conversa secreta com Bolívar. Outra linha estava mais direcionada para a personalidade do próprio San

Martín e suas inclinações ideológicas, especialmente suas supostas simpatias por uma solução monárquica.

No campo historiográfico argentino, uma linha de interpretação, representada por Vicente Fidel López, historiador do século XIX, fazia duras críticas às opções políticas de San Martín. Reprovava sua preferência por lutar contra os espanhóis no Peru em vez de apoiar as tropas de Buenos Aires contra o ataque de forças comandadas por caudilhos regionais. Para López, San Martín teria traído a mesma Buenos Aires que teria sido fundamental no suporte de sua expedição aos Andes (FRANCO, 2003). A presença de San Martín na Argentina poderia ter sustentado a ordem constitucional de 1819, garantindo a vigência de um regime liberal. O fracasso desta alternativa teria sido uma das raízes da futura vitória de Juan Manuel de Rosas e do quadro de permanente instabilidade que dominou a Argentina no século XIX (BOTANA, 1991).

Em uma escala sul-americana mais ampla, outro ponto crucial é a acusação de que San Martín teria sido fraco ao deixar o Peru, abrindo caminho para as ambições expansionistas de Bolívar. O clímax de uma biografia controvertida, por fim, teria sido alcançado com o longo exílio na Europa após o fim da expedição peruana, quando, para alguns historiadores, o Libertador ainda teria condições de agir e poderia ter atuado contra a ditadura de Rosas. San Martín, ao contrário, teria trocado mensagens amáveis com o governador de Buenos Aires, apoiando sua resistência contra ataques da França e da Inglaterra. Juan Bautista Alberdi reprovou a atitude de San Martín de se ter feito protetor de um país estranho, deixando o seu sem proteção. Sua abdicação final teria sido “escandalosa”, deixando um “exemplo funesto” (apud POMER, 2005, p.173). A concentração de San Martín nos temas da independência americana como um todo parecia torná-lo um mau argentino.

O conjunto dessas polêmicas oitocentistas deixou um acervo de “nós” que os historiadores do século XX, empenhados em recuperar a imagem de San Martín, teriam que desatar. Movimentos nesse sentido já começaram a surgir no final do século XIX, como a campanha do Presidente Nicolás Avellaneda para repatriar os restos do Libertador, em 1877, preparando as comemorações para o centenário de seu nascimento. Discursos dessa época já apontavam San Martín como uma figura capaz de ajudar os argentinos a superar suas desavenças (POMER, 2005). Nesse empenho, uma das tentativas posteriores mais bem-sucedidas foi a biografia *El santo de la espada. Vida de San Martín*, publicada por Ricardo Rojas em 1933, que será o objeto

de análise deste artigo. Em seu projeto de repensar o ensino das humanidades na Argentina, Rojas deu grande ênfase ao papel da história como educadora moral por meio do exemplo da vida dos grandes homens:

“La historia es (...) educativa del carácter porque fué desde la antigüedad la glorificadora del heroísmo. Cualquiera que sea la sequedad a que la hayan llevado, en sus últimas transformaciones, estudios de minuciosa especialización, la historia sintética y alta no se ha apartado, ni podría apartarse, de ese discernimiento moral” (ROJAS, 1922, p.46).

Refutando as limitações impostas pela historiografia positivista, Rojas cita Carlyle, Renan e Macaulay como exemplos de historiadores do século XIX que teriam defendido o papel da história como inspiradora moral e o dever do historiador de manifestar seu juízo em benefício da educação de seus contemporâneos. A biografia dos heróis se destacaria entre os gêneros históricos propícios para alcançar esse objetivo.

Embora tendo a clara intenção de produzir uma narrativa heroica da vida de San Martín, Rojas nos informa que pretende apresentar uma imagem diferente do “adocorado jinete de sus estatuas ecuestres” e do “genérico prócer de sus oleografías escolares”:

No olvidemos que cuando San Martín iba con sus granaderos por la costa del Paraná, acechando a la escuadrilla española que luego batió en San Lorenzo, no vestía uniforme, sino chambergo y poncho. Cuando pasó la cordillera con el Ejército de los Andes, no lo hizo en vistosa cabalgadura, sino sobre apero criollo, a lomo de una mula cuyana. (...) Todas estas imágenes del prócer son tan verdaderas como las de sus retratos con uniforme, y no se parecen a sus estatuas ecuestres ni a sus oleografías escolares (ROJAS, 1961, p.10).

Esses comentários podem ser conectados com o momento em que o livro foi publicado. Normalmente pouco ativo na vida política, Rojas passou a ter atuação mais intensa a partir do golpe militar de 1930, criticando a ditadura instaurada naquele ano (DELANEY, 2002). O governo do general Agustín Pedro Justo estimulou o culto militar da figura de San Martín, tendo transformado o dia 17 de agosto, data de sua morte, em feriado nacional. Ao publicar sua narrativa da vida de San Martín, Rojas propunha uma visão diferente daquela que começava a ser produzida pelo Instituto Sanmartiniano, centrada no perfil militar do personagem (CATTARUZZA, 2007, p.158). Quer oferecer, ao contrário, um estudo de seus aspectos humanos, focado em

seus hábitos e crenças pessoais. O livro foi sucesso de venda, sendo reeditado por várias décadas. Em 1970, foi transformado em filme com o mesmo título, dirigido por Leopoldo Torre Nilsson e realizado com recursos de uma produtora norte-americana e do governo militar argentino. Em um momento de intenso autoritarismo político, a produção do filme foi cuidadosamente controlada pelo governo, que proibiu que o personagem San Martín utilizasse palavrões e demonstrasse sentimentos de fragilidade inadequados para um militar. O filme também teve grande sucesso de público (TAL, 2004).

A narrativa de Rojas, sem deixar de idealizar o Libertador das mais diversas formas possíveis, segue caminho diferente ao explorar seus sofrimentos, dúvidas e angústias diante dos difíceis dilemas que enfrenta. Longe da imagem de um decidido conquistador, que não hesita um segundo em suas ações, San Martín é apresentado como um homem prudente, que provavelmente não gostaria de estar envolvido em uma situação de conflito tumultuosa, mas que segue em frente movido por senso de obrigação e noção profunda da grandeza de sua missão. Referências ao *daimon* que impele San Martín aparecem por todo o texto, como nos difíceis momentos que antecedem a travessia dos Andes: “¿Es que delira aquel enfermo solitario? ¿Es que el opio bebido para calmar sus dolores le hace delirar? No: eso es lo que trama su daimón socrático en lo profundo de la subconciencia del héroe, y acaso él mismo ignora de dónde viene aquella imperiosa voluntad que lo lleva hacia los Andes cuyanos” (ROJAS, 1961, p.99). Não propomos que, ao apresentar uma imagem mais “humana”, diferente da do herói militar inatingível, Rojas pretendesse desenvolver qualquer processo dessacralizador ou apresentar algum tipo de descrição “realista” de seu biografado. Ao contrário, sua intenção hagiográfica está patente desde a escolha do título “santo da espada” e nas constantes comparações de San Martín com cavaleiros medievais lendários, como El Cid e Amadis de Gaula. Embora sendo um cavaleiro secular, o Libertador recebe uma aura de objetivos e caráter transcendentais. Seria mais correto propor que, ao buscar um perfil menos “inumano” para seu herói, Rojas pretendesse localizar San Martín no campo de outro tipo de mitologia política, mais adequado aos objetivos de sua narrativa histórica, que serão discutidos mais a frente.

Muito instrutivas nesse sentido são as referências comparativas entre o perfil de San Martín e o de George Washington. Na época em que Rojas escrevia, a comparação não era nova. No Brasil, Oliveira Lima já havia desenvolvido essa

comparação ao tratar da decisão do argentino de abandonar o Peru em favor de Bolívar, opção tão criticada na Argentina: “San Martín não quis por egoísmo retardar a conclusão de uma empresa política que interessava organicamente a todo um continente: assim agiria Washington” (LIMA, 1914, p.90). Ampliando sua análise, Lima considerava que San Martín representava na América Latina um tipo de mentalidade política comparável à do líder da independência norte-americana:

San Martín é o êmulo de Washington e visa à objetividade política, sabendo desprender-se da fatalidade dos fatos. Dá seu esforço, sem impor um molde. Ostenta a vontade tenaz e forte, o senso das circunstâncias e do progresso das coisas. Deparasse-nos nele o espírito de moderação, o respeito da evolução lenta das realidades. Monárquico e liberal, quer interpretar num sentido tradicional o movimento fatal da Revolução. Como Washington, vê “no tempo e no costume” as verdadeiras forças da organização social: nutre o culto religioso da liberdade, o mesmo civismo e a mesma religiosidade puritana que ele. Ambos são antes de tudo os heróis da paz (LIMA, 1914, p.113-114).

Para Lima, as qualidades “washingtonianas” de San Martín poderiam ter dado um novo rumo ao processo de independência, sob a liderança de elites ilustradas e de mentalidade aristocrática, evitando os efeitos devastadores que a entrada das massas e o discurso populista dos caudilhos tiveram na região (SANTOS, 2003). O próprio Rojas nos dá algumas indicações de seu interesse por essa comparação. Inicialmente, procura afirmar a absoluta originalidade do tipo de liderança criado por San Martín, sem precedentes em qualquer lugar do mundo: “Tales eran, desde los primeros tiempos de San Martín, los propósitos que dieron un contenido moral a sus empresas marciales (...). No se parecía ni siquiera a Washington o Bolívar. Él era distinto de todos ellos...” (ROJAS, 1961, p.71). Posteriormente, porém, cede à tradição estabelecida. Ao comentar um banquete em que San Martín é denominado “Washington das Américas”, conclui: “Estas sentencias son, por lo menos, idénticas a las que, un siglo después, la historia repite” (ROJAS, 1961, p.241).

O Washington que todas essas citações têm em vista é, na verdade, uma construção da mitologia política norte-americana do século XIX. Barry Schwartz sustenta que as muitas biografias produzidas naquele período apresentavam Washington como um modelo exemplar de liderança na concepção *whig*, sempre desconfiada do acúmulo e da ambição pelo poder. Para construir essa versão, todo um conjunto de anedotas biográficas foi anexado à trajetória do personagem e à narrativa da história da Revolução Americana. No caso de Washington, o procedimento

principal foi colocar ênfase em episódios que ressaltassem a dedicação do líder no serviço à nação, acompanhada por uma absoluta falta de ambição pessoal e desejo de glória. A visão republicana clássica mostrava um líder de atitudes rigorosas e disciplinadas, comportamento espartano e gostos sóbrios. Posteriormente, essa imagem foi recuperada por intelectuais conservadores e membros de setores sociais tradicionalistas, escandalizados com a mediocridade e corrupção que viam nas novas elites capitalistas do pós-guerra civil. A nostalgia *genteel* pelo Washington aristocrático vinha acompanhada de lembranças saudosas de uma época de grandes homens, que não teriam mais lugar no mundo industrial materialista e comezinho gerado pela Reconstrução. Nesta linha de interpretação, Washington era um agudo crítico dos riscos do governo democrático e da retórica igualitária inflamada.

Após 1865, porém, certos aspectos mais aristocráticos dessa imagem, inclusive o incômodo fato de Washington ter sido proprietário de escravos, tiveram que ser retocados. Já não pareciam mais tão adequados para o fundador de uma nação que, a partir de então, passou a se identificar com mais ênfase como o país da igualdade e do “homem comum”. Foi necessário “democratizar” a figura do pai fundador. Novas representações procuraram enfatizar sua vida privada e a existência de sentimentos amorosos, em que antes parecia só existir a ascética figura do militar. Uma nova simpatia pelos pobres e pelos escravos, desconhecida pelas gerações anteriores, foi acrescentada entre suas qualidades. O perfil excessivamente aristocrático, provavelmente mais próximo da realidade, foi atenuado por cenas de um Washington sem colete, labutando junto com trabalhadores. Essas representações mostravam uma face humana mais ao gosto do público norte-americano da virada do século XIX para o XX, sem perder os fundamentos republicanos que lhe davam *status* de exemplo para a sociedade. Em toda essa diversidade de representações estava implicada uma discussão sobre o perfil mais adequado das elites dirigentes que poderiam governar a nação. As diversas tendências biográficas discordavam entre si sobre o quão normal ou o quão extraordinário Washington deveria parecer (SCHWARTZ, 1992). Durante todo esse período, estava em curso um debate sobre o próprio caráter da independência norte-americana, no qual não faltaram esforços para democratizar a imagem da própria Revolução por meio da fabricação ou revisão de vários episódios pelos historiadores do período (RAPHAEL, 2006).

Alguns episódios e características marcantes da trajetória biográfica do “pai fundador” dos Estados Unidos podem ter sido particularmente influentes para facilitar

as aproximações com o libertador argentino. Destaca-se com frequência a concepção de comando e estratégia militar de Washington. Esta é recorrentemente contrastada com os métodos “napoleônicos” dos líderes europeus. Diferente do grande general francês, Washington teria intenso respeito por seus soldados, evitando, ao máximo, batalhas e mortes desnecessárias. Seu modelo de liderança era marcado pela prudência estratégica, jamais cedendo às paixões da glória e da conquista. O gênio napoleônico, ao contrário, é dominado pela paixão da grandeza, considerando as perdas humanas irrelevantes se comparadas aos objetivos grandiosos em questão. Buscando enfatizar a peculiaridade do talento de Washington, seus biógrafos apontariam mesmo sua ausência de “gênio”, entendido como um talento superior que concentra todas as faculdades e objetivos do indivíduo. Suas façanhas militares teriam sido alcançadas bem mais por meio do equilíbrio de diversas qualidades menores. Nenhuma delas seria sobre-humana, mas, somadas, propiciariam uma forma de liderança e personalidade muito mais harmônica e imune aos vícios da vaidade e da ambição. Washington seria um líder moldado nas tradições da virtude republicana, sempre retratado com alusões romanas, embora adaptadas ao contexto de uma nação democrática.

A transformação de Washington em herói tipicamente americano também teve que enfatizar suas qualidades de “homem comum”, despido da aura de grandeza dos príncipes europeus. Invertendo a concepção tradicional do líder heroico, a concepção *whig* valoriza o líder não pelos feitos que o levam a *acumular* poder, e sim aqueles que o levam a *evitar* o poder. Os biógrafos louvam sua decisão de abandonar o comando das forças militares para se candidatar às primeiras eleições presidenciais do país, no momento em que o prestígio como vencedor dos ingleses poderia ter-lhe permitido acumular poder e talvez até ambicionar a majestade, uma atitude napoleônica que Washington claramente refutava. Longe desses sonhos imperiais, Washington cumpriu os mandatos para os quais foi eleito e depois se retirou para cuidar da vida privada, à qual dedicava muito respeito. Para demonstrar a autenticidade de sua falta de ambição, foi construída a imagem de um homem metucioso com as coisas cotidianas, disciplinado nos gastos e frugal nos hábitos. No Brasil, Oliveira Lima reforçou essa imagem ao citar o episódio climático da própria morte de Washington, supostamente causada pela insistência dele em trabalhar nas suas plantações debaixo de um rigoroso inverno (LIMA, 1899, p.3). Esse anedotário, qualquer que seja o grau de veracidade envolvido, faz parte da cultura republicana em

que a imagem dos heróis da independência norte-americana foi elaborada (SCHWARTZ, 1986).

Não é difícil cotejar momentos “washingtonianos” na carreira de San Martín apresentada por Rojas, mesmo quando não há uma referência comparativa explícita. Eles estão presentes tanto na explicação das ações políticas quanto na descrição da personalidade e das crenças pessoais do libertador argentino. Em primeiro lugar, é evidente a apresentação de San Martín como um líder republicano virtuoso, indiferente às tentações da glória e incapaz de demonstrações de soberba: “Era sobrio en el comer y en el vestir. Con no estudiada pertinacia, rehuía toda forma de énfasis o de teatralidad. (...) La gloria no era para él la pompa del triunfo clásico, sino la paz del alma en la obra bien concluída, y un serena confianza en el juicio de la posteridad” (ROJAS, 1961, p.74). Rojas descreve diversas situações que revelariam um San Martín desconfortável com os hábitos dos salões aristocráticos e a vida nas Cortes. Pouco afeito ao desperdício, mesmo em seus momentos de maior triunfo político, mantinha controle sobre os gastos ao receber convidados: “Esas tertulias de San Martín eran baratas, según las anotaciones de sus gastos” (ROJAS, 1961, p.158).

Longe da irresponsabilidade desvairada dos líderes apaixonados pela glória, San Martín seria um disciplinado administrador dos objetivos que traçou, sempre atento aos aspectos cotidianos da vida militar que, supostamente, estariam bem abaixo de sua grandeza histórica. Mesmo nos difíceis momentos da travessia dos Andes, manteria uma cuidadosa agenda de afazeres cotidianos. Com seu espírito matemático e metucioso, conseguia extrair recursos das situações de maior carência. Rojas tem o cuidado de citar uma página completa de seu diário, comentando a seguir:

El héroe realiza su jornada de inspiración y de paciencia, cumpliendo simples menesteres de mayordomo, de alcalde, de notario, de artesano, de inquisidor, de furriel, de cuanto sea necesario a su creación. Así el soplo de Dios está oculto en la hierba y en la hormiga. De esas minucias forjará su grandeza, como de granos de arena se hace una montaña. Otros guerreros célebres han dispuestos de materiales acumulados por la civilización; San Martín crea en el vacío y no se libra a la inspiración de raptos brillantes pero de resultados deleznable. En medio de la inopia o del desierto, debe sacarlo todo de su propio ingenio o de su voluntad generadora (ROJAS, 1961, p.110-111).

Seu cuidado em administrar os objetivos resultava em uma concepção estratégica da guerra, pela qual buscava evitar os conflitos por meio do apoio da opinião pública, uma espécie de guerra psicológica de muito sucesso na campanha do

Peru. Tais métodos confundiam seus próprios generais, o que contribuiu para as tensões políticas que resultaram em sua opção pelo exílio, mas, segundo Rojas, indicam a visão superior do libertador sobre as necessidades do momento: “Nadie sabía cuál era el plano de San Martín; pero bien se veía, desde su entrada en el Perú, que prefería no dar combate. Con su inacción mágica, o con sus ardidés estratégicos, había tomado a Lima sin derramamiento de sangre” (ROJAS, 1961, p.233). Recusava-se a desperdiçar a vida de seus soldados se não fosse estritamente necessário o combate, como defendeu em carta citada: “ ‘Nada honra más a un general que conservar su serenidad en los peligros y arrostrarlos cuando hay probabilidad de vencer; pero nada eclipsa su nombre como el derramar inútilmente la sangre de sus semejantes’ ” (ROJAS, 1961, p.272). Ao planejar um combate, sua preocupação era evitar a perda desnecessária de vidas: “El valor en él, no era embriaguez dionisiaca; ni era insensible su alma a la muerte de sus soldados. Su genio pitagórico preparó inteligentemente sus mecanismos y descargó sus tropas como se descarga un arma de precisión” (ROJAS, 1961, p.150). Em toda essa concepção de guerra, sempre está presente o contraponto com a mentalidade napoleônica que, para Rojas, caracterizaria muito mais os militares hispano-americanos. San Martín seria uma figura extremamente original, um novo tipo de líder americano, que repudiaria os métodos europeus: “No es tipo homérico, sino otra cosa nueva y más grande: San Martín refunde el espíritu de Marco Aurelio en el temple del Cid. Es el intérprete de un continente nuevo, de un genio nuevo, de una creación nueva” (ROJAS, 1961, p.259). Para reforçar esse contraste, Rojas coloca os dois modelos de liderança frente a frente, narrando um curioso duelo de olhares entre o jovem comandante San Martín e o próprio Napoleão Bonaparte, durante a revista de um destacamento espanhol:

Encuentros tales no ocurren en vano... El hombre de la humilde Córcega, que había llegado al palacio de los reyes en París, cambió miradas magnéticas con el hombre de la humilde Yapeyú, que llegaría al palacio virreinal en la Ciudad de los Reyes. Y en eso consistía la catástrofe: en que los reyes y virreyes iban dejando de reinar para que empezara en el mundo, con el hombre de Córcega y con el hombre de Yapeyú, el reinado del hombre. Pero uno y otro guerrero, el de Europa y el de América, venían de un Monsalvat diferente y traían al mundo un diverso mensaje, como a su tiempo lo sabremos: el uno era el hombre viejo de la destrucción y del imperio; el otro era el hombre nuevo de la edificación y de la libertad (ROJAS, 1961, p.36).

Esse conflito entre concepções de liderança encontraria, inevitavelmente, uma versão sul-americana no encontro entre San Martín e Simón Bolívar, um tema regularmente visitado pelos historiadores do século XIX, especialmente curiosos em desvendar o mistério da “conversa em Guayaquil”. Para nós, é mais relevante explorar o contraponto que a construção da figura de Bolívar como líder “napoleônico” oferece com a *persona* de San Martín. A oposição entre os libertadores sul-americanos também não era nova nos anos 1930. Diversos autores já haviam explorado esse contraste antes, direcionando suas simpatias com mais intensidade para um ou outro dos “libertadores”. José Martí havia ressaltado as qualidades democráticas da ação política de San Martín, caracterizada pelo respeito pelas instituições representativas locais: “no toco a las instituciones nativas, obtuvo todo lo que pedía, no sólo porque era justo, sino porque lo pedía por las autoridades propias del país, y conforme a las instituciones y nombres del país” (MARTÍ, 1963, p.59). José Enrique Rodó, por outro lado, preferia destacar as qualidades de Bolívar como líder capaz de agregar os elementos essenciais do ambiente americano e arregimentar as forças necessárias para a independência: “Es el barro de América atravesado por el soplo del genio, que transmuta su aroma y su sabor en propiedades del espíritu, y hace exhalarse de él, en viva llama, una distinta y original heroicidad” (RODÓ, 1967, p.551). Apesar das diferentes opiniões, um núcleo de oposições se estabeleceu em torno dos dois personagens.

Rojas, em todo o seu livro, toma enfática posição a favor de San Martín. Desde o início, reafirma a distinção já tradicional entre os dois líderes, destacando a originalidade do argentino:

Formador de soldados y ganador de batallas, lo fue en grado eminente; pero interesa esclarecer el móvil moral de su conducta. Su figura sin predecesores entre los guerreros no pertenece a la tradición homérica de Aquiles o de Héctor, en que se formaron Alejandro, César, Carlomagno, Federico, Napoleón, y el americano Bolívar, tan grande como aquéllos. San Martín es un asceta con misión de caridad, y pertenece a la progenie de los Santos armados, prototipos de lo que en la gesta medieval fueron Lohengrin y Parsifal, caballeros a lo divino, verdaderos “protectores”, cuyo misticismo épico no se había realizado plenamente en la historia antes del caso sanmartiano; pero que tiene precedentes castizos en el Rey Pelayo y el Cid Campeador de la historia, o en el Amadis y el Quijote de la leyenda literaria” (ROJAS, 1961, p.9).

A postura original de San Martín diante da guerra seria característica de um novo tipo de guerreiro-herói, que não tem nenhum prazer na batalha. Ao contrário,

sua ação é movida, quase a contragosto, pelas exigências do momento histórico e do dever ético: “Al sentido estético de la guerra, que creó a Alejandro, a César y a Napoleón, tienden a sobreponerse el sentido ético latente en los mitos de la epopeya. San Martín es el prototipo genial, individualísimo, de esa nueva sensibilidad heroica: se sirve de las necesarias armas, pero sin arbitrariedad ni sensualidad” (ROJAS, 1961, p.419).

Apesar dessas referências ao espírito de cavaleiro santo de San Martín, repetidas com frequência, a problemática desenvolvida por Rojas parece ter um aspecto mais especificamente político. Sua sugestão é que o modelo de liderança de Bolívar está na raiz da presença constante dos militares e de hábitos autoritários e violentos na vida política sul-americana. Em agudo contraste com os hábitos contidos e disciplinados de San Martín, Rojas cita, um após outro, numerosos exemplos da personalidade ambiciosa, vaidosa e aut centrada de Bolívar. Em um episódio curioso, Bolívar se despede de San Martín dando-lhe seu próprio retrato como presente: “Era el gesto del ególatra, que San Martín retribuyó desde Lima, con otro gesto revelador: no le mandó de Lima su retrato, sino sus pistolas y su caballo” (ROJAS, 1961, p.254). Em um jantar, Bolívar teria feito um brinde aos dois maiores homens da América do Sul, San Martín e ele mesmo. Para enfatizar a distinção em todos os níveis, Rojas afirma mesmo que a vida sexual de San Martín foi “muy distinta de la de Napoleón con su Josefina y la de Bolívar con su Manuela Sáenz” (ROJAS, 1961, p.80). Já na juventude, a educação dos libertadores teria direcionado-os para caminhos diferentes. San Martín teria demonstrado, desde jovem, mais interesse pela matemática e as ciências exatas, o que, para Rojas, é coerente com seus métodos de comando e personalidade disciplinados. Bolívar, ao contrário, é um espírito poético, dado a fantasias e arroubos retóricos, visíveis em sua forma de expressão:

El estilo literario de Bolívar proviene de aquel aprendizaje en que leyó a Virgilio, a Tácito y a Rousseau. Por todo ello el genio intelectual de Bolívar fue un epigono dentro de la tradición europea. San Martín, en cambio, sólo cursó estudios primarios: a los trece años andaba ya en batallas; su genio tan original fue una eclosión espontánea, sin literarios ornamentos. La diferencia de estos dos grandes hombres aparece así bien marcada desde sus orígenes, porque pertenecen a dos módulos espirituales muy diversos (ROJAS, 1961, p.28).

Rojas cita, como prova de que Bolívar descendia dos líderes conquistadores europeus, movidos pelo desejo “homérico” de grandeza, o fato de que ele teria criado

um país artificial, batizando-o com seu próprio nome. Considera insaciável a “libido marcial del capitán venezolano que pronto habría de constituir, con fragmentos del territorio argentino y del peruano, un nuevo estado al que se bautizó con su propio nombre, congratulándose de darse por epónimo como los conquistadores clásicos” (ROJAS, 1961, p.366). San Martín, ao contrário, não só teria recusado todos os convites que recebeu para assumir cargos governamentais, como também não aceitava as premiações e rendas perpétuas que os novos governos criavam em seu nome, frequentemente pedindo que fossem doadas para o esforço de guerra. Em uma evidente referência aos títulos usados por Bolívar, Rojas lembra que San Martín preferia outra denominação: “ ‘Protector’ (no Dictador ni Libertador), tal era el título que a sí propio se diera” (ROJAS, 1961, p.264). Sempre argumentava que não deveria caber aos militares o papel de construtores das novas nações, posição entusiasticamente elogiada por Rojas. Coerente com esses princípios, San Martín adota duas decisões “antinapoleônicas” que alimentaram polêmicas sobre seu legado político durante gerações: decide abandonar o Peru para evitar um possível conflito com Bolívar e, a seguir, abandona a Argentina para não ser obrigado a participar das guerras civis que começam a dilacerar o país.

Estabelecidos esses elementos da trajetória “washingtoniana” na biografia de San Martín narrada por Ricardo Rojas, podemos nos perguntar sobre alguns dos objetivos subjacentes nessa narrativa. A mentalidade republicana *whig*, que, segundo a convincente demonstração de Barry Schwartz, fornece a filosofia política da maioria das biografias de Washington, pode ter influenciado os autores liberais hispano-americanos do período, mas não seria um campo propício para situar uma obra produzida em um contexto tão diferente como a Argentina da primeira metade do século XX. Seria mais apropriado apontar que Rojas já tinha uma história local de debates acerca de modelos de liderança e ordenamento político sobre a qual se pronunciar. Para historiadores do século XIX, como López e Mitre, o conflito entre San Martín e Bolívar, para além do choque entre personalidades gigantes, era uma disputa sobre procedimentos de instituição dos regimes políticos pós-independência. As alternativas apontadas reduziam-se ao caminho bolivariano, centralista e unificador, que buscava instaurar o comando de uma aristocracia formada na própria luta patriótica, e a uma via sanmartiniana descentralizadora, que deixaria a cargo das instituições representativas locais a missão de formar as novas nações, considerando a divisão política das antigas colônias como um fato inevitável. Para Mitre, San Martín

teria alimentado expectativas de uma reconciliação entre a monarquia e a independência durante seu protetorado no Peru, mas, com o fracasso dos primeiros ensaios constitucionais e das negociações com Bolívar, teria reconhecido a necessidade de uma pluralidade de estados republicanos, embora essa não fosse sua perspectiva inicial. Com sua política de reconhecimento das soberanias nacionais em formação, San Martín teria contribuído para o avanço da liberdade no continente (BOTANA, 1991).

Rojas segue essa linha interpretativa parcialmente. Durante todo o livro, sustenta de forma muito mais enfática o republicanismo de San Martín, defendendo a ideia de que suas supostas inclinações monárquicas fossem apenas medidas estratégicas exigidas pelas circunstâncias. Em outras passagens, sugere uma conexão ideológica entre San Martín e a antiga tradição parlamentar espanhola, sufocada pelo absolutismo. O mesmo processo teria acontecido na América, onde a influência bolivariana teria impedido a ascensão da liberdade parlamentar e da autonomia das nações libertadas. As decisões políticas de San Martín teriam se chocado com os costumes militaristas e caudilhistas em ascensão no continente. Rojas desenvolve essas sugestões ao comentar um discurso no qual San Martín explica sua decisão de deixar o Peru para evitar um futuro confronto com Bolívar. A referência a Washington reaparece então:

No eran las de San Martín arengas de campamento ni alocuciones académicas, sino palabras de patriarca. Sólo en Washington se había perfilado antes una silueta análoga; pero la de San Martín asombra más, porque esto pasaba en la América meridional. La guerra de la independencia fue la madriguera de los caudillos grandes y pequeños que en todo el continente crearon, con Bolívar a la cabeza, el cesarismo demagógico. Su tipo de dominación individualista remontaba en su progenie al heroísmo arbitrario de los conquistadores. Si hay algo de atavismo hispánico en San Martín, oriundo de Castilla y de León por sus padres, habría que referirlo a las leyendas cristianas de San Santiago Apóstol y de Don Quijote, o a la ralea castiza de Ruy Díaz de Vivar, con su tizona y su Jimena, o a los últimos representantes de la democracia medieval: Padilla, Bravo y Maldonado, ahogados en Villalar y sacrificados en Segovia por el imperialismo germánico de Carlos V. Estos demócratas de Castilla la Vieja, obraban y hablaban como San Martín; pero ellos representan un ideal entonces agonizante (aunque hoy ha renacido en España), mientras San Martín anticipa en su genio original la predestinación de nuestra América republicana que penetra en él, virtuosamente, en la historia política del mundo (ROJAS, 1961, p.265-266).

Contra diversos historiadores anteriores, citados no início deste artigo, Rojas argumenta que as decisões de deixar o Peru e a Argentina foram tomadas para não só evitar novos conflitos civis, que prejudicariam a causa autonomista, como também porque San Martín não teria querido contribuir com a expansão de práticas caudilhistas, que ele já antevia como uma ameaça para o futuro da América independente: “Mientras Bolívar andaba en estas gestiones dinásticas, San Martín ratificaba en diversas declaraciones su fe democrática y recibía apesadumbrado las noticias de la anarquía generada en América por el pretorianismo, que él quiso evitar. Los generales sedientos de poder político surgieron en la seducción del ejemplo bolivariano, pero ya sin las atenuantes del genio y del heroísmo” (ROJAS, 1961, p.378). Esse quadro também o teria afastado do cenário argentino, no qual não veria com bons olhos a solução federalista:

Quando San Martín dice “federación” quiere significar guerra civil de caudillos semiletrados y de multitudes gauchescas, porque así se presenta la federación argentina en su génesis de aquel año terrible. Rencores y pobrezas de aldeas miserables perdidas en el desierto, comienzan a arder ante los ojos espantados del héroe y cree con terror místico que en aquel incendio sopla “el genio del mal” (ROJAS, 1961, p.205).

Nesse sentido, Rojas repudia todas as acusações contra a suposta omissão de seu herói diante dos conflitos civis argentinos. Sua decisão pelo exílio seria produto de uma visão política mais larga do que a de seus contemporâneos: “No. El general San Martín no quería ser el fundador del cesarismo demagógico, ni teñir su espada en sangre argentina” (ROJAS, 1961, p.208). De fato, San Martín não veria motivo para apoiar as forças de Buenos Aires porque as via como tão culpadas do conflito civil quanto os caudilhos regionais. Rojas cita carta em que o libertador explicita sua posição a respeito:

El foco de todas las revoluciones ha sido Buenos Aires; ahí se halla la crema de la anarquía, de los hombres inquietos y viciosos, de los que viven de trastornos, porque no teniendo nada que perder, todo lo esperan en el desorden. De ahí la preponderancia de los tres o cuatro jefes que mandan la fuerza, los que coaligados, deponen o sostienen a su antojo el gobierno. (ROJAS, 1961, p.346).

As guerras civis não seriam produto da invasão da barbárie vinda do campo, mas do espírito ambicioso de militares de Buenos Aires, que manobravam para concentrar o poder e que sabotaram o seu prestígio. A influência bolivariana, tão

criticada em todo o livro, também havia chegado à Argentina. Mas San Martín só lutaria pelas causas que unissem os americanos, não aquelas que os separassem. Daí sua opção por abandonar o cenário.

Esta linha de análise política já havia sido parcialmente desenvolvida por historiadores do século XIX. Propomos aqui que Rojas acrescenta um elemento importante à discussão, que é a problemática nacional, então dominante no debate intelectual argentino. Nesse sentido, é fundamental a exploração de alguns aspectos de seu projeto de historiografia nacionalista, apresentado no livro *La restauración nacionalista*, de 1909. Com toda uma reflexão sobre a importância do ensino das humanidades, especialmente da história nacional, para a difusão do espírito patriótico entre uma população com grande porcentagem de imigrantes, o livro defende uma nova abordagem da história da Argentina, e da América, que superasse os rancores gerados pelas lutas de independência. Um dos caminhos propostos seria o reconhecimento de que a liberdade fora alcançada com a participação de diversos componentes do ambiente americano e que as nações criadas no processo são uma soma das contribuições históricas de cada grupo. A história das nações se desenvolve acima das querelas políticas do momento. O ponto principal de revisão está na refutação do conceito de *barbarie*:

Esa barbarie, tan calumniada por los historiadores, fué el más genuino fruto de nuestro territorio y de nuestro carácter. La montonera no fué sino el ejército de la independencia luchando en el interior, y casi todos los caudillos que la capitaneaban habían hecho su aprendizaje en la guerra contra los realistas. Había más afinidades entre Rosas y su pampa o entre Facundo y su montaña, que entre el señor Rivadavia o el señor García y el país que querían gobernar. La Barbarie, siendo gaucha, y puesto que iba a caballo, era más argentina, era más nuestra. Ella no había pensado en entregar la soberanía del país a una dinastía europea. Por lo contrario, la defendió. Su obra sangrienta fué el complemento indispensable de la Revolución, pues elaboró con sangre argentina el concepto del gobierno y de la nacionalidad, dando base más sólida a la obra de los constituyentes (ROJAS, 1922, p.135).

A revalorização do papel dos caudilhos foi um traço definidor do revisionismo nacionalista que marca a historiografia argentina do período (SVAMPA, 2006). Rojas rejeitava o valor explicativo da oposição civilização/barbarie proposta por Domingo Sarmiento e defendia uma revisão da história do período da independência baseada em uma narrativa conciliadora, em que as elites ilustradas de Buenos Aires e as populações do pampa teriam sido igualmente importantes para a luta patriótica: “...

este dilema no puede satisfacernos ya; aplícase a un período restringido de nuestra historia, y nosotros buscamos una síntesis que explique la totalidad de nuestra evolución; (...) expresa, en fin, un juicio “europeo”, puesto que transpira desdén por las cosas americanas, y nosotros queremos ver nuestro pasado como hombres de América” (ROJAS, 1946, p.107). O conflito essencial não seria travado entre forças locais, e sim dos elementos enraizados no solo e na história americana contra as intervenções estrangeiras, materiais e ideológicas. Assim, considera que os caudilhos seriam até mais fiéis aos princípios *americanos* da revolução do que as europeizadas elites de Buenos Aires, sempre abertas à sedução das soluções monárquicas e autoritárias. Os caudilhos teriam dado a base nacional da luta revolucionária, necessária para a futura coesão do país. Insistir em antigos conflitos seria um erro que os historiadores do presente deveriam evitar. A memória histórica deveria reconciliar os adversários do passado, que nunca deveriam ter sido inimigos, em favor de uma leitura unificadora da história, benéfica para um país em busca de uma identidade nacional coesa. É dentro deste projeto que se situa *El santo de la espada*.

Por toda a narrativa da vida de San Martín, Rojas procura munir seu herói com as propriedades necessárias ao papel de mito unificador. Nesse sentido, dedica o primeiro terço do livro para descrever a infância e a juventude de San Martín, que, em alguns momentos, se apresenta como uma espécie de “mito de origem”, em que o nascimento do personagem se confunde com o nascimento de uma nova América. Ao descrever a região em que o libertador nasceu, Yapeyú, antigo povoado missionário jesuítico com presença de população indígena, Rojas narra uma curiosa cena em que os elementos constituintes da mentalidade sanmartiniana que expomos anteriormente já estariam sendo formados nele antes mesmo de ele nascer:

Cuéntase que algunas madres griegas, en su gravidez solían entregarse a la contemplación de las más bellas estatuas, para que la armonía de los íconos sagrados influyera en la matriz fecunda, comunicando su perfección ideal a las criaturas de la carne. La madre de José de San Martín no tuvo ante sus ojos imágenes de dioses olímpicos, ni de paladines homéricos; pero su alma ingenua debió emocionarse en la preñez, ante los íconos cristianos labrados por los indios, mientras oraba en la iglesia de Yapeyú por el nuevo hijo que debía nacer. El aliento místico y militar de la doble estirpe castellana y leonesa (las gentes que lucharon con Pelayo y el Cid) animaba ya al párvulo en sus entrañas, mientras los ojos maternos contemplaban el “orden” de la administración misionera y la “vida” de la selva tropical, junto al caudaloso río que baja desde el corazón de América hasta el mar, embellecido de cantos y de flores. Todo esto quedó en la subconciencia del niño, sin que veinticinco años de residencia posterior en España lo pudiesen borrar (ROJAS, 1961, p.23-24).

Em diversos outros momentos da narrativa, percebemos que a relação de San Martín com o ambiente americano e a presença de elementos indígenas em sua origem têm uma importância crucial na estratégia narrativa de Rojas. O autor cita, por exemplo, que a cor morena da pele do libertador estimulou manifestações de desprezo da parte dos espanhóis. Mas foi essa mesma ligação telúrica com o solo e com as raças componentes da América que teria oferecido a San Martín a amplitude de perspectivas que seus contemporâneos não tinham: “(...) aquel niño de Yapeyú, muchacho de tez bronceada y ojos negros, era un varón nacido para empresas continentales” (ROJAS, 1961, p.23).

Os fundamentos nativos de sua origem, composição racial e formação estariam presentes no desenvolvimento de uma mentalidade militar e política essencialmente americana, não napoleônica, como já discutimos, mas também teriam propiciado uma abertura para relações com as diversas populações da região que as elites portenhas seriam incapazes de estabelecer, as quais seriam fundamentais para os sucessos militares do libertador. Esse aspecto é essencial no conjunto da interpretação de Rojas. Seguindo sua inclinação em priorizar a conquista da opinião pública antes da agressão militar, San Martín percebe que a participação dos gaúchos e das populações indígenas seria indispensável para o esforço de guerra. Em primeiro lugar, logo nos primeiros combates contra os espanhóis, escolhe um comandante com o traço local:

Es Güemes a su modo otro caudillo castizo y cristiano. Nacido en la clase hidalga, desprecia a los burgueses por su egoísmo, pero quiere a sus gauchos, y ellos lo quieren. Febril en su tarea, galopa el campo como un guerrero legendario. Salta es la capital señorial de su reino democrático, y toda la frontera del Alto Perú es el objetivo de su empresa. (ROJAS, 1961, p.89)

A contribuição de Martín Miguel de Güemes para a luta de independência já havia sido motivo de árida discordância entre historiadores do século anterior, já que apontava para o tema crucial do papel dos caudilhos regionais. Para Mitre, a participação dele seria pouco relevante e, principalmente, perigosa porque sempre trazia o risco da desordem popular. Vélez Sarsfield discordava, considerando indispensável sua ajuda às tropas de San Martín. Na primeira metade do século XX, a memória de Güemes foi revalorizada por historiadores de Salta, que distinguiram os

gaúchos sob seu comando das *montoneras* de outras regiões, além de lembrar a participação de figuras distintas da sociedade local em suas operações de guerra. Sua grande contribuição teria sido unir esses setores antagônicos da sociedade e direcionar os enérgicos gaúchos para causa patriótica (POMER, 2005). Rojas parece seguir essa reinterpretação, além de valorizar exatamente um dos pontos que os historiadores oitocentistas consideravam mais perigosos: a atração passional que os caudilhos exerceriam sobre os gaúchos. San Martín teria percebido o valor desses sentimentos e as estruturas da sociedade pampeana, na qual muitos só viam desordem. Assim, distribuiu as diversas populações locais de acordo com a melhor contribuição que poderiam trazer para a tropa: “(...) los negros para la infantería; los gauchos para la caballería (...)” (ROJAS, 1961, p.86). Rojas sugere que esse modelo nasceu da inspiração oferecida pelo próprio ambiente, como uma soma dos tipos humanos locais que aderiram entusiasticamente à causa patriótica: “Así fue surgiendo, como espontánea creación de la raza y de la tierra, lo que se llamó la guerra gaucha” (ROJAS, 1961, p.87).

As relações de San Martín com os índios é um tema particularmente ambíguo. Desde os episódios da infância, fomos informados que elementos indígenas estavam presentes em sua origem, em sua aparência física ou como parte de uma relação mítica estabelecida antes mesmo do nascimento. Sua cor de pele e hábitos pouco elegantes sempre o afastaram do mundo dos salões urbanos e o aproximaram do mundo rural, no qual chegara a sonhar terminar seus dias. No momento da expedição chilena, San Martín considerou o apoio dos indomáveis índios araucanos como uma condição para a travessia do território em direção às tropas realistas. Não hesita, então, em usar sua cor de pele como recurso diplomático ao se dirigir aos líderes indígenas:

(...) *como yo también soy indio*, voy a acabar con los godos que les han robado a ustedes, las tierras de sus antepasados, y para ello pasaré los Andes con mi ejército y con esos cañones.

(...)

Los plenipotenciarios araucanos, fornidos y desnudos, “con olor a potro”, prorrumpieron en alaridos y aclamaciones al ‘indio’ San Martín, a quien abrazaban prometiéndole morir por él. (ROJAS, 1961, p.137-8, grifo do autor).

Essa não seria a primeira vez que San Martín demonstra interesse por incorporar os índios no esforço de guerra patriota. Durante a organização das

primeiras tropas independentistas, ainda na Argentina, teria convocado índios das missões de sua região natal. O libertador também demonstraria uma capacidade incomum para entender os hábitos locais, sem recorrer à ideia de barbárie. Em um episódio, San Martín assiste aos festejos intensos que precedem a expedição andina e comenta: “– La patria necesita de estos locos” (ROJAS, 1961, p.139). Em outro, um tanto cômico, um oficial local oferece um “pedaço” de um touro recém-castrado como homenagem à esposa do libertador, que hesita com certa vergonha diante da oferenda. Com muita compreensão, San Martín pede a ela que aceite.

Entretanto, Rojas, em diversas passagens, procura esclarecer essa questão um tanto obscura da “indianidade” de San Martín. Ao comentar as observações de alguns contemporâneos sobre sua cor de pele, procura esclarecer o assunto: “Bronceado era de tez y de ojos negros; pero indio, solamente por la cuna y el destino” (ROJAS, 1961, p.25). Anteriormente, Rojas já havia discutido o tema na obra *Blasón de plata*, publicada pela primeira vez em 1910, na qual argumentara que a identidade das nações não é uma questão racial e sim uma soma de fatores culturais, na qual entrariam a “emoção da terra” junto com a “unidade espiritual” trazida pela língua, pela história, pela religião e pelo governo. Os índios, como diversos outros grupos raciais da região, deram sua contribuição para a composição nacional por meio do legado de vocábulos, mitos, manifestações artísticas, formas de trajar e guerrear e traços que foram absorvidos por outros setores populacionais e que se tornaram patrimônio comum. Já não pertenceriam mais a nenhum grupo em particular. Mas, para que esse patrimônio cultural se reunisse em um corpo político unificado, seria necessário um ideal comum e um tipo de liderança esclarecida que esses grupos não poderiam fornecer: “Y es que necesitábamos una reivindicación continental, no una guerra de razas. Los únicos preparados en América para forjar el nuevo ideal y encabezar ese movimiento eran los criollos de las casas hidalgas, porque ellos reunían su entusiasmo racionalista por la civilización que habían estudiado, con su amor fervoroso por la tierra americana donde habían nacido (...)” (ROJAS, 1946, p.115). A ausência dessa condução esclarecida, ligando a vida americana aos ideais da civilização liberal, levaria a revolução para os caminhos perigosos da violência racial, como teria sido demonstrado pela rebelião de Tupac Amaru no Peru ou pelas rebeliões de negros escravos.

Dessa forma, menos que “índio” em qualquer sentido racial específico, San Martín representaria um novo tipo de americano, com predomínio espanhol, mas

absorvendo as contribuições da diversidade do continente: “Su criollismo genial afirmó así la existencia de una nueva raza, o de una nueva modalidad de la gran raza hispánica, a que pertenecía por abolengo y educación” (ROJAS, 1961, p.38). Esse tipo hispânico não poderia deixar de incluir a presença de componentes indígenas, físicos e culturais. Mas essas contribuições estariam harmonizadas em um novo tipo de homem. Exatamente por incorporar elementos das diversas partes da América, esse homem hispano-americano era especialmente vocacionado para liderar a sociedade local, sem necessitar dos recursos violentos da conquista e da tirania militar. De certa forma, sua habilidade para conquistar a opinião pública e exercer o comando sem a tirania vem de seu caráter de homem-síntese do universo americano.

A apropriação de episódios e referências extraídas da mitologia que cerca George Washington encontra sentido, em parte, nesse esforço de criação de um modelo de liderança que, sem ser propriamente democrático, atua em integração com o ambiente, incorporando e harmonizando elementos conflituosos em vez de impor uma doutrina ou objetivo predeterminados. Para que o herói realize esse objetivo, todo um conjunto de qualidades seria necessário, incluindo a ausência de arrogância, a adaptabilidade e a marca simultaneamente rural e indígena nas origens. A narrativa biográfica busca exatamente conferir o justo reconhecimento dessas qualidades. Seguindo preceitos românticos presentes em sua concepção de nação, Rojas valoriza a diversidade cultural e, por isso, recusa a imposição homogeneizadora do conceito de “civilização”. A valorização do papel histórico dos gaúchos, índios e outros excluídos, porém, nunca deixa de ser feita dentro de um quadro hierárquico, onde o comando do líder branco é indispensável (DELANEY, 2002). A diversidade não pode resultar nem em conflito acirrado nem na plena autonomia das populações locais porque o contexto já é propício para a desintegração. Tratar-se-ia, dessa forma, de uma diversidade mantida em harmonia pela tutela, mais inspiradora que impositiva, de um homem-síntese. San Martín é mais um produto refinado da diversidade de forças que formam a América, guiado teluricamente pelo ambiente que fala por meio de seu *daimon*, do que um líder da história. Como tal, embora malsucedido em impor o ordenamento político que desejava, teve sucesso a longo prazo como símbolo histórico de harmonia nacional.

É nesse contexto também que podemos entender os comentários de Rojas sobre a postura de San Martín diante dos espanhóis. Como força de conciliação entre os mais diversos elementos em conflito, ele teria buscado negociar soluções

diplomáticas com representantes da Espanha no Peru. Em uma passagem curta, mas importante para o entendimento dos propósitos de Rojas, o libertador é apresentado como um precursor do nacionalismo hispanista que o próprio historiador defendeu em sua época: “El cuadro que San Martín traiza (...) es el de la América española reconciliada con la Madre Patria a principios del siglo XX: visión de profecía, sin sombra alguna de odio, que la obstinación anacrónica de la monarquía no supo entonces comprender” (ROJAS, 1961, p.218). San Martín seria movido pelo ideal político de disseminar a democracia representativa entre os povos de fala espanhola, incluindo a Espanha, e não estimular interesses localistas e nacionais. A transformação do conflito em uma guerra entre nações teria sido, desde o começo, um erro, pois Espanha e América teriam um objetivo comum representado pelo ideal liberal representativo existente em ambas as regiões. Também nesse caso, San Martín é o símbolo da harmonia, unindo Espanha e América da mesma forma que unia os diversos componentes do mundo americano:

... caracterizaba la guerra no como un antagonismo racial entre España y América, sino como una lucha de dos sistemas filosóficos: el absolutismo y el liberalismo: el ideal que San Martín y los americanos defendían era el mismo que Riego y los peninsulares habían defendido en la metrópoli. La revolución democrática, vencida entonces en España, ha tardado un siglo en vencer allá. (ROJAS, 1961, p.217).

Nem América nem Espanha, porém, estariam preparadas para sua originalidade. Antes de partir para o exílio, San Martín ainda iniciaria uma última etapa de sua vida similar aos preceitos “washingtonianos”, demonstrando que a guerra para ele sempre foi apenas uma obrigação patriótica, a ser cumprida somente quando estritamente necessária. Voltando para a Argentina, divisa uma futura vida longe das forças armadas, dedicada ao cultivo de vinícolas. Sua filha pequena estimula nele o desejo de mudar de vida: “Entonces sueña con poseer una chacra. Desea hacerse labrador, como si Don Quijote, aceptando el consejo de Sancho, hubiera resuelto hacerse pastor de una arcadia fingida” (ROJAS, 1961, p.112). Sua esperança é um sonho agrarista:

Si antes había venido a preparar la guerra en su Ínsula Cuyana, ahora tornaba a ella para buscar el reposo de sus últimos días. Esta era la Arcadia con que en 1816 soñaba su vocación de labrador, o bien la Tebaida que su ascetismo de santo anhelaría después, durante su largo destierro (...) (ROJAS, 1961, p.285).

O longo exílio europeu, que muitos argentinos consideraram como um ato de covardia, ou até como uma tentativa de organizar um complô monarquista contra a república, foi para Rojas o momento de completar a trajetória de seu herói em direção à sabedoria da maturidade. Ali se dedica à educação moral da filha, baseada em princípios de moral estoica, que serão usados como material didático no futuro. Seus últimos anos são marcados por condições financeiras difíceis, ao contrário do que rezariam as lendas difamadoras: “¡Pobre viejo! Lo que tiene son subsidios de la Argentina a su hija, magras pensiones militares del Perú, y además las prendas que le regaló su amigo Aguado, el buen español” (ROJAS, 1961, p.405). Como Washington, teria recusado todas as ofertas de rendimentos mais substanciais, mas, diferentemente do herói norte-americano, a Argentina não teria permitido que ele pudesse terminar sua vida se dedicando ao sonho agrarista da pequena fazenda. Como conclusão, Rojas lamenta a promessa perdida, embora considere difícil que as coisas pudessem ter seguido um rumo diferente: “Si el espíritu de San Martín hubiera triunfado en Guayaquil, habría sido otra la historia de la América española en el siglo XIX” (ROJAS, 1961, p.397-398).

A revisão histórica praticada por Ricardo Rojas resulta em uma narrativa conciliadora do passado. A priorização do tema da identidade nacional favorece a concentração da análise histórica nas possibilidades de síntese e negociação, buscando evitar o acirramento de conflitos políticos, que surgem empalidecidos diante da tela maior da evolução nacional. A história é explicada por Rojas por meio de princípios deterministas ao conferir amplo papel a elementos fora do controle individual, como a influência das forças telúricas e o amálgama de culturas. Essas forças atuam na composição da personalidade nacional, da qual os grandes homens são apenas expressões mais ou menos duradouras, embora de grande importância. Conectado com esse plano de longa duração, é quase natural que o herói surja como um incompreendido em sua própria época, pois o homem normal só tem uma visão parcial de seu momento na história. Só o herói, portador de qualidades raras de percepção e entendimento, além de virtude incomum, pode sintetizar todas as parcialidades em uma grande visão. Seu valor está em educar e orientar as partes da nação em direção à unidade, seja pela sabedoria de suas decisões, seja pela harmonia de seu próprio ser. Um líder excessivamente doutrinário ou impositivo interferiria demasiadamente na expressão da diversidade do amálgama nacional. Um líder

radicalmente democrático ou populista, por outro lado, acabaria excitando a fúria niveladora das multidões ou o ódio racial, com os mesmos resultados negativos. Nem o cesarismo militar, que Rojas vê em Bolívar, nem a democracia pampeana dos caudilhos, podia oferecer o modelo ideal.

A figura de San Martín, como construída por Rojas, procurava oferecer um perfil biográfico que reunisse essas habilidades conciliadoras e gênio perceptivo em um único objeto de reverência para a memória histórica nacional. O centro do panteão teria que ser capaz de reconhecer a importância de cada componente da nação sem que a ação de cada parte prejudicasse a perfeição das misturas que formam o todo e sem impor suas próprias inclinações particulares. Um líder que servisse à história em vez de tentar dominá-la. Dessa forma, ele se torna símbolo da própria Nação, pensada em termos românticos, com um viés crítico tanto do despotismo militar quanto da democracia de massas: um conjunto de diversidades harmonizadas em torno de um protetor sábio. A biografia do herói se torna, então, a narrativa ideal da história da nação.

## **BIBLIOGRAFIA**

BOTANA, Natalio. *La libertad política y su historia*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

CATTARUZZA, Alejandro. *Los usos del pasado. La historia y la política argentinas en discusión, 1910-1945*. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.

DELANEY, Jean H. “Imagining *El Ser Argentino*: cultural nationalism and romantic concepts of nationhood in early twentieth-century Argentina”. In: *Journal of Latin American Studies*, n. 34, p. 625-658, 2002.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Luzes e sombras na construção da nação argentina. Os manuais de História Nacional (1868-1912)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.

LIMA, Oliveira. *Nos Estados Unidos (Impressões políticas e sociais)*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1899.

\_\_\_\_\_. *América Latina e América Inglesa. A evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1914.

MARTÍ, José. *Obras Completas*. Havana: Editorial Nacional de Cuba, 1963, v. 8.

POMER, Leon. *La construcción de los héroes. Imaginario y nación*. Buenos Aires: Leviatán, 2005.

RAPHAEL, Ray. *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RODÓ, José Enrique. “Bolívar”. In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1967.

ROJAS, Ricardo. *La restauración nacionalista*. Buenos Aires: Talleres de Juan Pueyo, 1922.

\_\_\_\_\_. *Blasón de plata*. Buenos Aires: Losada, 1946.

\_\_\_\_\_. *El santo de la espada*. Buenos Aires: Editorial Kraft, 1961.

SANTOS, Fabio Muruci dos. “Caudilhos e heróis da América: virtude política e identidade americana em Oliveira Lima”. In: *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. XXIX, n. 1, p. 93-106, 2003.

SCHWARTZ, Barry. “The character of Washington: a study in Republican culture”. In: *American Quarterly*, v. 38, n. 2, p. 202-222, verão 1986.

\_\_\_\_\_. “Social change and collective memory: the democratization of George Washington”. In: *American Sociological Review*, v. 56, n. 2, p. 221-236, abr. 1992.

SVAMPA, Maristella. *El dilema argentino. Civilización o barbarie*. Buenos Aires: Taurus, 2006.

TAL, Tzvi. "San Martín, from bronze to celluloid: Argentina's Liberator as film character". In: *Film & History. An Interdisciplinary Journal of Film and Television Studies*, v. 34, n. 1, p. 21-30, 2004.